Maria Magalhães

Bem longe de ser monocromática

Camaleônica e versátil, a atriz, roteirista e cineasta Karine Teles fala sobre a Aldeíde de Vale tudo e relembra papéis marcantes da carreira no audiovisual

POR PATRICK SELVATTI

Inquieta por natureza, Karine Teles costura sua trajetória com o mesmo cuidado de quem revisita memórias antigas: alinhava, rasga, refaz. E, enquanto reconstrói, oferece ao público algo que vai além do espetáculo: provoca encontro. No ar como a divertida Aldeíde no remake de Vale tudo — papel que marcou a carreira da veterana Lilia Cabral em 1988 —, a atriz, roteirista e cineasta tem a alegria da ex-secretária executiva que se torna uma viúva rica e extravagante. Mas, ao contrário dos looks da personagem, está longe de ser monocromática.

Karine nasceu em Petrópolis, viveu em Maceió (AL), mas foi na Unirio, no Rio de Janeiro, que fez do palco seu primeiro lar. Atuou em diversos espetáculos teatrais, estreou no cinema no aclamado *Madame Satã*, até o trabalho que, em 2010, a projetou de vez: *Riscado*. Com tons profissionais diversos, além de protagonizar, Karine escreveu o roteiro inspirado na própria vida. E foi premiada por isso.

De lá para cá, investiu pesado no audiovisual: no cinema, foi a socialite Bárbara em *Que horas ela volta?*, a Ângela do polêmico *Fala comigo*, a mãe em desassossego de Benzinho, a forasteira bandida de *Bacurau*; na televisão, encarnou Gilda na série homônima do Canal Brasil, a Sumara Mitta na novela *A regra do jogo* e a Regina de *Malhação— Toda forma de amor*. Até que ganhou o Brasil de forma massiva ao viver Madeleine no remake de *Pantanal*, em 2022, e conquistar a primeira protagonista de novela, em *Elas por elas*, outra releitura de um clássico, em 2023. Todos papéis que, como ela mesma define, são também veículos de conversa — e, sobretudo, de transformação.

"Essa é uma das partes mais instigantes e interessantes do meu trabalho. Quando eu posso emprestar meu ofício, meu trabalho, minha voz e meu corpo para trabalhos que promovam discussões. Eu sou uma crente fervorosa no poder da arte como ferramenta de transformação individual, social e moral", diz à *Revista* a artista de 46 anos, que, nas últimas três personas que encarnou, surgiu loira platinada, morena e ruiva.

Para Karine, não se trata apenas de interpretar. É ação, dar forma e voz a temas que, muitas vezes, doem: assédio moral, assexualidade, bebê reborn, solidão — temas que atravessam a personagem Aldeíde no trabalho atual. "Mesmo quando as discussões não estão na frente do trabalho, o que a gente vê, escuta, lê, acaba fazendo parte da nossa formação", explica.